

PRODUZINDO UMA HISTÓRIA CULTURAL DAS CIÊNCIAS **articulações necessárias para o uso numa pesquisa documental**

Reginaldo Virginio da Silva Filho¹

INTRODUÇÃO

Este texto é uma síntese de um capítulo da monografia que temos desenvolvido sob o pretexto de uma pesquisa de Iniciação Científica que tem a seguinte questão norteadora: “quais redes de sociabilidade foram construídas por Ubiratan D’Ambrosio durante sua atuação nos Estados Unidos (1964-1972)?”. As investigações deste projeto são realizadas à luz das referências advindas, sobretudo, da História Cultural e da História das Ciências, e aqui buscamos operacionalizar o uso dessas nas análises a serem conduzidas no projeto.

A pesquisa da qual este texto faz parte tem por objetivo analisar a constituição do professor Ubiratan D’Ambrosio como interlocutor internacional de campos científicos emergentes no Brasil na década de 1980, em particular, a Educação Matemática, por meio de um inventário de sua atuação profissional no período em que esteve nos Estados Unidos e da explicitação das redes de sociabilidade das quais fez parte neste período. Ela, ainda, se insere num quadro mais amplo de um projeto de cooperação internacional CAPES-COFECUB².

Os esforços dessa pesquisa têm sido conduzidos através das cartas presentes no Arquivo Pessoal Ubiratan D’Ambrosio (APUA). O trabalho com o APUA pelos pesquisadores do GHEMAT Brasil³ foi dividido em fases, à medida que o próprio D’Ambrosio foi doando parte do seu acervo documental ainda nos idos dos anos 2000. Dessas primeiras doações, foram constituídas três fases do APUA a partir de uma seleção feita pelo personagem do arquivo pessoal. Após o seu falecimento, em 2021, sua família fez

¹ Licenciando em Pedagogia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5918-9165>. E-mail: reginaldovirginio757@gmail.com.

² Trata-se do projeto “Produção, circulação e apropriação da matemática e sua história para o ensino e formação de professores na França e no Brasil, século XX”.

³ Grupo Associado de Estudos e Pesquisas sobre História da Educação Matemática.

uma nova e volumosa doação que constituiu a Fase IV, registrando uma quantidade muito maior de massa documental do que as outras três fases juntas (Valente, 2023; 2024).

Nosso projeto também se insere neste contexto de compreensão e tratamento dos documentos recebidos durante a Fase IV do APUA. Como descrito por Valente (2023), a codificação e digitalização de um arquivo se caracterizam como as últimas etapas do processo de constituição destes como espaços de pesquisa. Dessa forma, encontramos o arquivo já organizado em diversas categorias, entre as quais, “Correspondências”, “Congressos”, “Revistas” e “Teses”, e a partir daí iniciamos o nosso trabalho com os documentos.

Entre aqueles presentes nas caixas da categoria “Correspondências”, para além das cartas, estão recibos, exames, projetos, alguns deles serão desconsiderados nas primeiras análises, seja por se repetirem, seja por não ser possível discriminar elementos de identificação neles. Assim, no trabalho de codificação das correspondências a serem utilizadas no nosso projeto, feito colaborativamente com os membros do GHEMAT Brasil, foram produzidos pouco mais de 860 itens individuais para as nossas análises⁴. Chegamos nesse número, selecionando apenas as missivas que foram escritas durante o período em que D’Ambrosio estava nos Estados Unidos — verificado pelos registros de identificação das cartas.

Para além da expressiva quantidade de documentos do período correspondente aos objetivos da pesquisa, destaca-se o questionamento de qual o uso será feito deles na pesquisa que conduzimos. Neste sentido, iremos apresentar a seguir o referencial que temos utilizado como ferramenta para manusear tal documentação e o que pretendemos extrair dessas fontes na busca por respostas à nossa questão norteadora.

CONVERSAS ENTRE A HISTÓRIA CULTURAL E A HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

As análises de nossa pesquisa têm sido conduzidas sob a perspectiva da História Cultural descrita por Chartier, que tem por objetivo “identificar o modo como em diferentes

⁴ A codificação das cartas que serão utilizadas na nossa pesquisa pode ser acessada pela seguinte planilha: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1yOn8b3D511Ir9nFX8vzN2LhOz-jW_6TY/edit?usp=sharing&oid=109625345444790673645&rtpof=true&sd=true.

lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 2002, p. 16-17), levando em consideração a tensão entre “de um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, de outro, as restrições e as convenções que limitam — com mais ou menos força segundo as posições que ocupam nas relações de dominação — o que lhes é possível pensar, dizer e fazer” (Chartier, 2014b, p. 30).

Conforme as leituras presentes em Warde e Oliveira (2022) e em Amorim (2022), os trabalhos realizados à luz das referências dadas por Chartier, permitem que a pesquisa histórica se lance em direção a objetos antes negligenciados, mas valendo-se, ao contrário do que pregava a história serial, dos “processos de classificação, divisão e delimitação envolvidos na apreensão do mundo e do outro como real inteligível” (Amorim, 2022, p. 13).

Neste sentido, Chartier debruça-se sobre as ferramentas que tornam capaz a produção desta “nova” História. Deste trabalho emerge o conceito de *representação*, tomado como pedra angular para suas pesquisas, pois ele permite descrever, de modo mais consistente, as relações que o indivíduo ou os grupos estabelecem com o mundo social por meio das

[...] operações de classificação e hierarquização produzidas pelos esquemas mentais, mediante as quais se percebe e se representa a realidade; em seguida, as práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um status [...]; por último, as formas institucionalizadas pelas quais uns “representantes” (indivíduos singulares ou instâncias coletivas) encarnam de maneira visível, “presentificam”, a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade ou a permanência de um poder (Chartier, 2014b, p. 31).

A este soma-se um outro conceito fundamental para a realização das leituras das diferentes temporalidades: o conceito de *apropriação*, que, de acordo com Chartier, tem por objetivo a caracterização de uma “história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inseridas nas práticas específicas que as produzem” (2002, p. 26). É na articulação entre estes três conceitos, *prática*, *representação* e *apropriação*, que a “nova” História Cultural é construída.



Entretanto, estes três conceitos não bastam para a produção de uma história sobre um determinado objeto num determinado período. Surgida como uma das respostas à crise vivida pela disciplina histórica no início da segunda metade do século passado — que, com outros contornos; devido a novos fatores, ainda permanece nos dias atuais (Chartier, 2014a) —, a “nova” História Cultural, em oposição à história serial, centra-se “mais nas práticas do que nas distribuições, mais nas produções de significações do que nas repartições de objectos” (Chartier, 2002, p. 77), considerando as diferentes temporalidades que conformam a realidade estudada.

O estudo das temporalidades, que se solidificou a partir das novas bases lançadas por Fernand Braudel e Paul Ricoeur ao se confrontarem com os questionamentos sobre o uso da memória no trabalho historiográfico, adquire grande importância nessa produção, pois, ao lidar com fenômenos culturais de diferentes ordens, que se estendem por vários séculos, ou que se inserem num contexto limitado de algumas décadas, a forma como são significadas as práticas e produzidas as representações sobre aquela realidade se modificam (Chartier, 2014a).

Eis porque Chartier (2014b) percebe uma certa contradição na definição da História Cultural, aproximando com o entendimento do que seria a própria História. Ao considerar a “cultura” dos fenômenos estudados, essa história definida por Chartier pode se estender para praticamente todas as áreas de estudo, seja a política, econômica, literária, científica. Isto, porém, não a descaracteriza, pois o que ela pretende é a compreensão, como já foi dito, de como uma dada realidade é construída, pensada, dada a ler. Assim, é produzida uma história cultural da política, uma história cultural da economia, uma história cultural da leitura, e no nosso caso, uma história cultural das ciências.

Esse trabalho, de produção de uma história cultural específica, não é tão simples, apesar da presença constante dos conceitos fundamentais dados por Chartier (2002). A maior dificuldade reside na compreensão da temporalidade que rege a realidade estudada. Dessa forma, é preciso pontuar que o recorte escolhido para o nosso projeto pouco tem a ver com a definição de uma “temporalidade científica”. O que pretendemos em nosso projeto de IC é tentar compreender se por meio das redes de sociabilidade construídas por Ubiratan D’Ambrosio no período em que ele atuou nos Estados Unidos é possível esboçar a construção de uma interpretação para a realidade em que este personagem estava inserido.

Em conformidade com isto, é preciso fazer avançar nossa compreensão sobre as dinâmicas que organizam o nosso objeto de pesquisa. Iremos focalizar apenas na discussão acerca da ciência, ou tecnociência como dito por Latour (2000), o conceito de redes de sociabilidade e seu uso será tratado noutra oportunidade. Igualmente devido ao limite de espaço, iremos nos ater a uma única referência, o já citado trabalho de Latour, concentrando-nos ainda, naquilo que mais nos interessa para o desenvolvimento deste texto.

Logo ao início de seu livro, Latour nos alerta sobre a dinâmica de quem pretende estudar a forma como a ciência é produzida, tal empreitada, segundo ele, é conduzida utilizando um equipamento ao mesmo tempo leve e variado:

Variado porque é preciso misturar pontes de hidrogênio com prazos finais, exame da capacidade alheia com dinheiro, correção de sistemas de computadores com estilo burocrático; mas o equipamento também é leve porque convém deixar de lado todos os preconceitos sobre as distinções entre o contexto em que o saber está inserido e o próprio saber (Latour, 2000, p. 20).

Essa perspectiva se confirma conforme Latour avança em seu trabalho de “seguir cientistas”, e vai sendo acrescida de princípios e regras metodológicas que também orientam frente à diversidade que cerca o desenvolvimento das pesquisas daqueles que são “seguidos”. Dentre estas, talvez a que caiba maior destaque neste texto se refere aos “elos” que vão constituindo o trabalho realizado por aqueles que investigamos: “A questão, para nós que seguimos os passos dos cientistas não é definir qual desses elos é ‘social’ e qual é ‘científico’; a questão para nós, tanto quanto para aqueles que estamos seguindo, é só esta: ‘qual desses elos agüentará e qual se soltará?’” (Latour, 2000, p. 289). Que desemboca na seguinte regra metodológica:

[...] devemos ser tão indefinidos quanto os vários atores que seguimos, no que se refere àquilo de que é feita a tecnociência, para isso, sempre que for erigida uma divisão interior/exterior, devemos acompanhar os dois lados simultaneamente, criando uma lista — pouco importa se longa e heterogênea — de todos aqueles que realizam o trabalho (Latour, 2000, p. 289).

É neste sentido que os contatos estabelecidos pelo personagem investigado ganham relevância. Como demonstrado por Mendonça (2024), ao se voltar para o estudo da trajetória de D’Ambrosio por meio das cartas presentes no APUA, ou Valente (2024), que se debruça

sobre essa documentação com o objetivo de compreender a institucionalização de um novo campo de pesquisa, são diversos os fatores que influem na dinâmica da ciência, seja a agregação de “aliados” para a defesa de uma certa perspectiva, ou a influência em agências de fomento e financiamento de pesquisas, adquirida através da relação com seus membros ou por trabalhos realizados anteriormente.

PARA FINALIZAR...

O ensaio que abre a coletânea que compõe o livro *A mão do autor e a mente do editor* é intitulado “Escutar os mortos com os olhos”, apresentado na aula inaugural da cadeira de “Escrita e culturas no início da Europa Moderna”, do Collège de France, em 2007 (Chartier, 2014a). Nele, Chartier desmonta o processo que irá guiar o seu ensino nessa cadeira, destacando os elementos constituintes dessa área de investigação, incluindo aí, os pesquisadores que com seus trabalhos possibilitaram esses estudos.

Estes últimos também são alvos da busca de Chartier por vozes que já não podem mais ser escutadas. O estudo da produção de significados prescinde da compreensão das formas como os indivíduos se relacionavam entre si, com os objetos que os cercavam e com a realidade imposta. É com este entendimento que Chartier evoca os versos de Quevedo, de escutar aquilo que aquelas que já não estão conosco têm a dizer sobre as suas práticas e crenças por meio do que foi registrado em textos.

Semelhante a uma tal perspectiva de compreender os sentidos das práticas de alguns indivíduos é o trabalho conduzido por Latour de seguir cientistas. Para isto, ele se vale de entrevistas e de trabalhos biográficos sobre os personagens que utiliza para desvelar as dinâmicas que organizam a realidade estudada e orientar aqueles que desejam se aventurar por essas investigações. Mas e quando o “protagonista” — lembrando da regra metodológica descrita por Latour, e da necessidade de considerar os diversos elos constituintes do trabalho científico — já não está entre nós para nos fornecer informações sobre este processo? E se houver uma multiplicidade de discursos sobre um mesmo elemento que só serve para confundir aquele que busca produzir dali algum significado diferente do que já está posto?

Para responder essas questões o acesso aos textos, mesmo que difusos, desgastados e fora de seus contextos e da realidade em que estavam inseridos, para serem submetidos às

análises que busquem os vestígios dos processos de produção da ciência, ou escutar com os olhos as vozes dos fantasmas que participaram dessas realizações, se torna imprescindível e é o que desenvolveremos a seguir em nossa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - processo nº 2024/03349-9.

REFERÊNCIAS

AMORIM, P. H. G. **Cultura material escolar e docência em perspectiva histórico-educacional**. 2022. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/65463>. Acesso em: 10 jan. 2025.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. M. M. Galhardo. 2. ed. Oeiras, Portugal: DIFEL - Difusão Editorial, 2002.

CHARTIER, R. **A mão do autor e a mente do editor**. Trad. G. Schlesinger. São Paulo: UNESP, 2014a.

CHARTIER, R. A “nova” história cultural. In: GARNICA, A. V. M. (org.). **Pesquisa em história da educação matemática no Brasil: sob o signo da pluralidade**. São Paulo: Livraria da Física, 2014b, p. 19-36.

LATOURETTE, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Trad. I. C. Benedetti. São Paulo: UNESP, 2000.



MENDONÇA, G. C. **Indícios do processo de constituição do educador matemático Ubiratan D'Ambrosio**. 2024. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde na Infância e Adolescência) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11600/71725>. Acesso em: 12 jan. 2025.

VALENTE, W. R. El Centro de Documentación GHEMAT-Brasil como laboratorio de investigación: APUA - Archivo Personal Ubiratan D'Ambrosio y su correspondencia epistolar. **Revista Paradigma**, v. XLIV, n. 2, p. 277-296, jul. 2023. DOI: [10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2023.p277-296.id1452](https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2023.p277-296.id1452). Disponível em: <https://revistaparadigma.com.br/index.php/paradigma/article/view/1452>. Acesso em: 9 jan. 2025.

VALENTE, W. R. Arquivo Pessoal Ubiratan D'Ambrosio e os projetos de institucionalização da Educação Matemática como área de pesquisa. **REMATEC**, Belém-PA, v. 19, n. 49, p. 1-12, 2024. DOI: [10.37084/REMATEC.1980-3141.2024.n49.e2024003.id658](https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2024.n49.e2024003.id658). Disponível em: <https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/658>. Acesso em: 9 jan. 2025.

WARDE, M. J.; OLIVEIRA, F. R (orgs.). **História da educação**: sujeitos, objetos e práticas. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/66026>. Acesso em: 25 abr. 2025.

Palavras chave: História Cultural, História das Ciências, Ubiratan D'Ambrosio.